

Dragões e outros monstros

Juarez Bahia

NÃO só os “dragões de fogo” da inflação, da recessão e do retrocesso são inimigos do futuro da América Latina. O Presidente Sarney fez uma bem elaborada construção literária no Congresso do Uruguai, mas podia ter incluído no acervo da infelicidade continental a corrupção, o autoritarismo e a incompetência política.

Não podemos mesmo pagar com a fome e a democracia a dívida externa. Já nos bastaria o risco de fazê-lo com a dívida interna. Não podemos também pagar nenhuma de nossas dívidas com a retórica. Se quisermos fechar contas sem desonrar compromissos sociais com a nação, teremos de cumprir nossas obrigações voluntariamente assumidas.

Somos a oitava ou nona potência industrial, porém estamos na praia bloqueados pelo cansaço que nos impõem o déficit público, as heranças das mordomias, um desperdício tão grande quanto o da própria América Latina, uma inflação que tem sido tratada com palmadas e não choques, escândalos amparados pelo perdão e pela omissão, a estatização dos fine-xagerada, o ocaso moral de um Parlamento que legisla com a fraude do voto e a fraude dos jetons.

Para que alinhar, um por um, os outros monstros que oprimem a sociedade? O imemorial patriarca de Gabriel García Márquez, ameaçado pelos urubus no outono de sua existência, enquanto embalava a enorme hérnia no testículo para adormecer a dor, chegava a uma conclusão real: quisera o poder só pelo poder, não pelo povo, nem pela pátria. A memória política brasileira, tal como a da América Latina, está povoada de patriarcas.

A Nova República tem tido a coragem de dizer as coisas, mas não a de fazer as coisas. O que não chega a ser um progresso em relação à Velha República. A nossa ainda acentuada dependência econômica não diminuirá com simples apelos ou exortações aos ricos, nem com tímidos passos incapazes de reduzir a angústia coletiva e de retomar o crescimento.

As mudanças desejadas pela sociedade estão associadas a saltos e não a passos. Corremos o risco de ressuscitar velhos ufanismos e de substituir no imaginário o “milagre” econômico pelo “milagre” do desenvolvimento. Esse filme já passou e não convenceu. Nos últimos meses, meras intenções inadequadamente formuladas têm sido confundidas com políticas, como o pacto de muitos nomes e a austeridade de poucos exemplos.

Sarney fez no Congresso do Uruguai o elogio do poder civil “caluniado como incapaz de gerir, débil em suas estruturas, divergente e dissoluto”. Essa alusão era necessária e oportuna. Quem tem investido contra o poder civil na América Latina não é o povo, mas frações militares patriarcais, velhacas e solitárias como o personagem de Márquez, interessadas apenas no poder pelo poder.

Não só frações armadas, despreparadas e ilegítimas concorrem na América Latina para o enfraquecimento das lideranças civis. São elas próprias, em muitos casos, sob o fogo dos dragões da corrupção e da incompetência, que abrem a guarda. Os uruguaios estão informados do que se passa no Congresso do Brasil. E deve

ter lido que o Presidente Ulysses Guimarães telefonou à viúva Tancredo Neves para homenagear a memória do estadista.

O Parlamento é uma instituição democrática e digna, respeitável e honrada. Mas, não é esta, no momento, a impressão dos brasileiros em relação ao seu Parlamento. Ulysses é um dos pais fundadores da Nova República e todos conhecem a soma de suas contribuições, desde a resistência democrática até à eleição de Tancredo e Sarney. Porém, tal como Pilatos, tornou-se cúmplice do ocaso moral do Congresso nos episódios dos deputados pianistas e do jeton fraudado.

A questão da Nova República tem sido basicamente esta: os atos não correspondem às palavras. Que adianta elevar às alturas o Parlamento, se o nosso está sendo desacreditado por atitudes injustificáveis da maioria de seus membros e da sua direção? Que adianta invocar o exemplo de Tancredo, se na prática o que se faz é conspurcar o seu ideal?

Se esta nação está sendo desafiada a acreditar que nenhum dos grandes escândalos financeiros recebeu as penas da lei e que temos no Congresso, seja na Câmara ou no Senado, intocáveis fraudadores de votos e de jetons, a culpa não é do povo. De um estrito ponto de vista ético — e esta é a visão que a opinião pública tem dos fatos — não há diferença entre uns e outros fraudadores.

Como dizia Ben Bagdikian: “A percepção do futuro é psicologicamente difícil. É natural comparar um lapso de tempo no futuro com período semelhante no passado, e inconscientemente preencher o tempo vindouro com a mesma espécie de fatos que ocorreram no passado recém-acabado”.

Estamos na Nova República, é certo, mas os hábitos são da Velha.

O que ocorre e denota uma quebra de esperança poucos meses depois de instalada a Nova República é o preenchimento do futuro por um passado anacrônico, já condenado. Como digerir essa incrível semana de dois dias instituída no Congresso por um Parlamento que absolveu os pianistas e a si próprio do dever de respeitar a nação dos desempregados, dos pobres absolutos e de todos aqueles que, não sendo uma coisa nem outra, concorrem com o seu trabalho para viabilizar uma sociedade democrática, livre e digna?

Não se pense que a nossa democracia atual é mais do que aquela “plantinha tenra” de que falava Otavio Mangabeira. Sê-lo-ia, se nestes primeiros meses a Nova República tivesse absorvido as demandas originárias da ação política das parcelas da população antes completamente inertes e que saíram às ruas para reconquistar o direito de opinar e de decidir, para se reconciliar com a bandeira e o hino, para reclamar mudanças.

Essa energia da história brasileira e latino-americana contemporânea, tão bem captada por Tancredo, corre o risco de ser devorada por um monstro e até de voltar-se como um dragão contra a Nova República, se não houver decisões firmes, urgentes e corretas do Governo, se o Parlamento, por exemplo, aprofundar o seu ocaso moral. Não adianta levantar belos e gloriosos tapumes, se atrás deles transacionam-se princípios. Cícero ensinava que “a história é mestra da vida, senhora dos tempos, luz da verdade”. Não é apenas uma lição. No nosso caso, é uma grave advertência.

